

M. DE LOURDES BORGES RIBEIRO

# O folclore na escola



Cabe à CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO em plano nacional:

a

promover registros, pesquisas e levantamentos, cursos de formação e de especialização, exposições, publicações, festivais;

b

proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares;

c

organizar museus, bibliotecas, filmotecas e centros de documentação;

d

manter intercâmbio com entidades congêneres;

e

divulgar o folclore do Brasil.

EDIÇÃO PROMOVIDA COM A COLABORAÇÃO DA  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DO RIO DE JANEIRO — DEPARTAMENTO GERAL DE CULTURA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS  
FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE

•  
CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO  
DIRETOR-EXECUTIVO: BRÁULIO DO NASCIMENTO

•  
RUA DO CATETE, 179 - RIO DE JANEIRO - RJ

---

## O FOLCLORE NA ESCOLA

Várias são as doutrinas que demarcam o campo do Folclore. Independentemente do caminho que seguirmos, considerando apenas a literatura oral ou a cultura espiritual, parte ou totalidade da cultura material, limitando o portador de folclore às classes menos favorecidas da sociedade ou estendendo aos primitivos, teremos sempre, no acervo das coisas que traduzem o pensamento, o sentimento e ação do povo, um material da maior importância para o ensino. Não só pelo que possui de sabedoria, de beleza, de técnica, mas ainda pelo que condensa de traços fundamentais da continuidade tradicional das nações.

Porque o fato só se caracterizará folclórico quando a sua persistência justificar a aceitação coletiva, isto é, verificar-se que são conceitos que se integram na vida da comunidade *folk*, dentro de um dinamismo no qual se devem contar as irradiações sobre as camadas superiores e eruditas. O folclore nasce, vive e se afirma nos meios rudimentares, mas está longe de se confinar nesses limites, ascende à sociedade, onde se manifesta em plenitude, ainda que diminuída sua capacidade criadora. Hoje, o folclore das cidades é uma realidade irrecusável. Quantas superstições, quantos provérbios, quantas crenças, quantos cantos e danças, quantas estórias folclóricas vivem com intensidade marcante nas esferas mais altas da sociedade. Por isso e com isso, o Folclore conforma a fisionomia espiritual das gentes, como permanente repercussão das fontes e origens nacionais.

George Foster, tratando da relação simbiótica entre o *folk* e o não-*folk*, mostra que a direção da cultura não se faz de cima para baixo, da cidade para o campo, dos estratos superiores para os inferiores da sociedade, mas, num movimento circular, de sorte que a cultura *folk* recebe muitas coisas vindas da produção erudita, como lhe transmite também, ainda que em grau reduzido, as suas contribuições.

No século passado, quando começou o aproveitamento do Folclore na cultura superior, nas letras e nas artes sobretudo, se pôde sentir o significado imenso do seu valor. O grande poeta alemão, Herder, proclamava que a verdadeira poesia vem da boca do povo, com o que concordaria Goethe. E George Sand apontava a sabedoria popular como instrumento para o estudo do homem.

À proporção que essa tendência se afirmava e se desenvolviam os estudos de Folclore, depois de criada a 22 de agosto de 1846, a palavra *Folk-lore* (*folk* = povo; *lore* = sabedoria) pelo arqueólogo inglês William John Thoms — que a propõe para significar, mais do que uma literatura, a sabedoria popular — o interesse em penetrar melhor nesse velho ramo de conhecimento crescia por toda parte. Nem sempre pelo seu valor em si, que só mais tarde preocuparia os estudiosos, quando lhe estabeleceram a doutrina, mas pela riqueza que trazia, principalmente para as artes. Foi o folclore a seiva de toda a música nacionalista. Desde Glinka e o grande Chopin, numerosos compositores têm encontrado na cantiga popular inspiração, formas e modelos para as suas criações.

Aferida a importância desse mundo, cheio de luz e de treva, onde se colhe sabedoria e ignorância, sentiu-se a necessidade de que para a escola confluíssem também as águas dessas fontes longínquas, mas perpetuamente vivas. Porém, só em 1936, no Congresso Internacional de Folclore, em Paris, os problemas de Folclore e Educação entraram no temário como "novidade", segundo nos informa Hoyos Sáinz. O assunto já havia sido tratado isoladamente e comentários esparsos encontramos em algumas obras folclóricas. Pelas suas conotações com várias ciências e disciplinas, a Antropologia, a Psicologia, a História, as Ciências Sociais, as Ciências Naturais, as Artes, o Português, a Geografia, o Folclore foi visto como um fator da mais intensa penetração no campo do ensino.

Não enfocarei a valia do seu conhecimento para a Universidade, apenas para as escolas do primeiro e segundo graus e, por consequência, para a de professores, pois não é possível o ensino daquilo que não se estudou. Limitar-me-ei ao sentido do Folclore para os nossos alunos e ao aproveitamento que dele se pode fazer nesses cursos, considerando os setores urbano e rural.

O Folclore é um mundo, uma cultura. Portanto tem, como disse, zonas de luz e de sombras, elementos de inspiração artística, estórias e contos cheios de valores humanos, provérbios que valem como sínteses de filosofia, criação de tipos argutos e sutis para vencer os violentos e brutais, melodias e ritmos, poesia, pintura, escultura, técni-

cas valiosas, tudo que o empirismo do homem rudimentar pôde adivinhar no mundo que o cerca, com a experiência que Deus lhe deu. Mas, por igual, um acervo de erros, cuja persistência resultaria prejudicial e funesta. Portanto, a primeira condição que se exige do professor, é sagacidade e agudeza, é fazer o aproveitamento apenas do que for útil. Enquanto os folcloristas pesquisam o fato folclórico em essência, dentro de sua funcionalidade no meio do grupo onde se produz e se desenvolve, o professor selecionará o que deva utilizar.

Fixemos que não se trata de ensinar Folclore a crianças e jovens, mas aproveitar o Folclore como fator didático para o ensino, nessa ou naquela disciplina, onde houver oportunidade e onde conseguir favorecer a compreensão, desenvolver a memória, incentivar a fantasia ou oferecer centro de interesse ou de relação concernente ao que se está ensinando.

Por isso, necessário se torna, como têm tanto insistido os Congressos de Folclore, o seu ensino nas escolas de formação de professores, seja como disciplina específica ou como ilustração. O essencial é que os professores saibam por que o Folclore é um fator didático e aprendam a utilizá-lo. Sem uma noção geral da disciplina, muito difícil será qualquer aproveitamento eficiente e sistemático. Na dupla qualidade de professora e de folclorista, me permito sentir e insistir na obrigação de ser fixado o problema com rigor, de imprescindível solução, que é o preparo do professor — mesmo através de cursos extensivos — para bem aplicar o Folclore na escola e bem orientar os trabalhos de seus alunos sem o que nada se pode realizar com sistemática educacional.

O Seminário Interamericano de Alfabetização e Educação de Adultos, realizado em Quitandinha, em 1949, sob os auspícios da Unesco, aprovou as recomendações relativas ao Folclore, notadamente pelo papel preponderante do enobrecimento das horas livres, "considerando que os costumes, a música, a dança e outras formas de criação e apreciação estética devem ser difundidas e estimuladas como manifestações essenciais do espírito nacional." Aconselhava, igualmente, que o material folclórico dos museus — ou centros regionais e municipais — deveria servir para dar um sentido local e regional às atividades artísticas, na escola primária e na normal, preferencialmente, tanto nas artes decorativas como plásticas e, na música, com a valorização das formas populares.

O III Congresso Nacional de Professores de Estabelecimentos Particulares, reunido em São Paulo, em 1949, recomendou aos autores de livros didáticos incluir, nos compêndios e livros de leitura, assuntos

folclóricos, seja através de transcrição de documentos ou da sua adaptação, esclarecendo-os com explicações, notas e comentários. E pedia também a inclusão do Folclore nos programas de ensino primário e secundário, e a indicação, sempre que possível, nas instruções metodológicas, de elementos folclóricos como instrumento de ensino, fazendo também do folclore um centro de atividades extra-escolares, aproveitando romances, autos, canções para as festas escolares e incentivando o conhecimento e a divulgação, entre os alunos, das artes e tradições populares.

### O FOLCLORE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Que papel representa o Folclore na formação do professor? em consequência, até que ponto devem os centros de magistério interessar-se pela matéria?

Lourenço Filho estudou o problema, considerando que, independentemente dos sistemas adotados, três elementos capitais devem ser enfocados na formação do pessoal docente:

- 1 — o de uma formação cultural geral dos mestres;
- 2 — o de sua habilitação técnico-pedagógica;
- 3 — o de sua formação social, e, mais particularmente, o de preparação cívica, de caráter nacional.

Quanto ao item 1, os Estudos Sociais têm uma importância excepcional sobre uma base geral de conhecimentos lingüísticos e matemáticos, normalmente analíticos, os estudos de Geografia Humana e de História desempenham função integradora ou de síntese. Nestes últimos, os elementos de folclore local, regional ou nacional se prestam a atenuar formas vivas e reais de relações humanas. É bem conhecido o relevo que os estudos dos primitivos assumiram na explicação social, a partir de Frazer. Assim, às pesquisas etnológicas deveriam juntar-se as de Folclore, de que um dos benefícios é revelar, nos campos civilizados, resíduos da mentalidade primitiva e da magia.

No item 2, os conhecimentos de psicologia evolutiva da infância e da adolescência são hoje proeminentes; ora, nas teorias agora dominantes nesses ramos de estudo, os problemas do pensamento egocêntrico e socializado não fazem senão repetir, na esfera individual, os mesmos temas da mentalidade primitiva e civilizada. Na compreensão deles é que se estabelecem os princípios da evolução mental e ainda os que levam a melhor situar as questões de ajustamento e desajustamento social, conceitos fundamentais no plano da ação educativa. A distinção entre o normal e o patológico repousa, por sua vez, em tais con-

dições. É ponto pacífico que elementos do Folclore concorrem, de modo fecundo, para o estabelecimento das modernas teorias psicológicas da infância, em especial, das teorias psicanalíticas.

Mas o Folclore não se resume em relatar o tradicional, ocupa-se também de formas de transição, de inegável importância nos estudos da psicologia dinâmica. Desde que se faça abstração de grandes episódios, história da humanidade pode ser marcada por uma série de idades ou épocas entre as quais, no entanto, não há passagem súbita. Existem, entre elas, franjas, tateios, transição. O estudo das formas folclóricas, tais como as podemos sentir na sua formação, fixação e difusão, oferece elementos de compreensão da dinâmica social. A formação do mestre, como a sua preparação cívica, necessita de apoiar-se nessa base metodológica.

Os problemas de educação de base, segundo a Unesco, não chegam a ser devidamente propostos e encaminhados senão quando uma boa compreensão sociológica, de base dinâmica, seja aceita, e nela, como referiu, o papel da documentação folclórica e de sua análise, é fundamental. Na realidade, nessa documentação são encontrados os 3 quadros assinalados para todas as sociedades, das mais primitivas às mais complexas: a cosmogonia, isto é, a explicação real ou ilusória do universo; a moral, conjunto de regras e crenças que se referem às relações humanas, e a técnica, acervo de conhecimentos e procedimentos os quais os homens de um grupo social agem ou crêem agir sobre a natureza. As formas de passagem, que repousam, essencialmente, em cessos de imitação, demonstração, persuasão, sugestão e lógica afetiva, não podem ser dominadas sem a análise dos elementos do folclore.

No item 3, vemos que os educadores de qualquer parte do mundo podem fechar-se hoje na visão do seu grupo local, regional ou nacional; necessitam de compreender a evolução humana em seu conjunto em sua totalidade atual, para que assim melhor possam sentir e apreender os caracteres nacionais. As migrações humanas, de um para outro país, a facilidade de transporte e comunicação, a interdependência econômica vieram transfundir elementos culturais os mais diversos. Os processos de aplicação científica ou de moderna tecnologia, por sua vez, relacionam processos e métodos de ação. No folclore nacional, como nos elementos comuns do folclore em diversos países, os mestres encontrarão recursos para esse alargamento de visão, bem como para que sintam as livres expressões dos valores nacionais a acentuar e a defender. O estudo do Folclore pode e deve assim desempenhar uma dupla função: formação humana, técnica e social dos professores.

Carvalho Neto, em seu livro *Folclore y Educación*, considera o Folclore frente à Educação, de duas maneiras: como informação e como

formação, isto é, como ilustração e fonte de conhecimento e como material didático que ajusta a integração da personalidade. Como informação, o Folclore tem por objeto imediato a apresentação do fato pelo fato, como novidade, como acervo de conhecimentos. Sua técnica de ensino, com projeções e gravações, é principalmente descritiva. Deve ser dosada e selecionada de acordo com a faixa etária. Para um público adulto e evoluído, não haverá preocupação de seleção de material. O Folclore, como formação, é seletivo, nem poderá deixar de sê-lo nunca, pois o ensino com critério formativo é essencialmente dirigido a crianças e adolescentes, por estarem eles justamente na etapa chamada de formação, como capulhos que se abrem. Neste sentido, seu objetivo imediato, ao invés do Folclore como informação, não é a apresentação do fato pelo fato, senão a consecução de finalidades étnicas, estéticas, mnemônicas, etc. Como informação, o Folclore é um fim; como formação, um meio.

#### PEDAGOGIA DO FOLCLORE

Ismael Moya definiu o objeto da pedagogia do Folclore: fazer a criança seguir o ritmo espiritual de seu povo e conseguir a evocação do tradicional, com vantagens de caráter social, científico e artístico; da escola, a tradição alcançará o lar, despertará e acrescentará simpatia e interesse pelos costumes sobre os quais a comunidade atual assenta seus modos de vida e após suas instituições.

Cochiara vê o Folclore como meio de defesa espiritual de um povo. Seguindo essa orientação, é possível, sem dificuldade, selecionar as expressões folclóricas pelas quais a juventude se aproximará da própria alma do povo, no que ela está revelada nas essências de suas manifestações, visto que a sabedoria de *folk* se faz e se projeta da realidade circunstante, com alto poder de comunicação, justamente por ser comunitária.

Helena Batini insiste: não se deve transplantar o Folclore para a escola integralmente, senão o que convenha à formação da criança, e, assim, apoiar todo o ensino do 1.º grau, servindo especialmente ao de Português e favorecendo ao da Geografia, da Moral, da História, da Higiene, das disciplinas estéticas, da fauna, da flora, dos minerais, merecendo destaque para o da Educação Física e Recreação.

Como distinguir entre o aproveitável e o indesejável? Impossível determinar. Cada professor, em cada circunstância, lugar e hipótese, procurará, com perspicácia e finura, resolver o problema, no campo sobretudo, onde a criança vê e ouve em casa o que o professor tem de proibir. Aliás, o Folclore está sendo considerado como método didático e nenhum método pode ser aplicado em absoluto, sem levar em

conta condições de meio e aluno. As possíveis dificuldades poderão ser vencidas, partindo-se do princípio de que o objetivo da utilização do Folclore está em ligar o homem à terra e em aproveitar todos os fatores que, vindos do povo, podem servir para melhor conhecê-lo ou torná-lo conhecido.

#### A LITERATURA ORAL

Sob este título estão agrupadas todas as manifestações culturais de fundo literário transmitidas por processos não gráficos, isto é, oralmente. Câmara Cascudo considera que duas fontes contínuas mantêm viva a corrente. Uma exclusivamente oral, outra, a reimpressão dos antigos livrinhos vindos de Espanha ou de Portugal e que são convergências de motivos literários dos séculos XIII ao XVI. "Embora assinados, esses folhetos revelam apenas a utilização de temas remotos, correntes no Folclore ou na literatura apologética de outrora, trazidos nos contos morais, filhos dos "exemplos". Com ou sem fixação tipográfica essa maioria pertence à literatura oral. Foi feita para o canto, para a declamação, para a leitura em voz alta. Serão depressa absorvidos nas águas da improvisação popular, assimilados na poética dos desafios, dos versos, nome vulgar da quadra nos sertões do Brasil."

No ensino de Expressão e Comunicação/Português, a literatura oral fornecerá elementos magníficos para que o aluno se volte às coisas que o cercam, aos ambientes que conhece, aos meios que lhe são familiares.

Vejamos a riqueza dos *contos folclóricos*. De um lado, a simplicidade da estória, do outro, o sentido moral e educacional, despertando em seu espírito idéias claras para a vida: não é a força que vence sempre, a inteligência é um fator de êxito, a traição é punida, a honradez e a lealdade são os melhores instrumentos para a formação do homem.

Um bom exemplo é a estória do *Boi Leição*, cabeça famosa de gado de um fazendeiro, cujo vaqueiro era incapaz de mentir, motivo pelo qual era grandemente louvado. Então, um fazendeiro vizinho, ouvindo isso do amigo e compadre, disse que não acreditava e apostou que o vaqueiro mentiria. Apostaram toda a fortuna. O que desejava forçar o vaqueiro a faltar com a verdade, engendrou a solução seguinte. Incumbiu a filha, moça bonita, de conseguir que o vaqueiro matasse o Boi Leição, certo de que isso ele jamais contaria ao seu patrão. E lá se foi a moça sentar-se à soleira da porta do vaqueiro. À tardinha, quando este chegou, ficou espantado com a beleza daquela jovem, que se disse perseguida pelo pai. O vaqueiro, que ficara

apaixonado no mesmo instante, a acolheu com carinho no meio de sua família. Um dia, a moça lhe falou que desejava comer o fígado do Boi Leição, do boi que era o mais bonito de todo o gadame daquela zona. O vaqueiro hesitou, mas, levado pela paixão, cedeu. E ela comeu uma pontinha só do fígado e saiu louca de contente para a casa. O pai, ao saber do acontecido, ficou muito satisfeito, foi à fazenda do compadre e lhe contou tudo. Pediu mandasse buscar o vaqueiro para decidirem da aposta, certo, certíssimo, de que estava ganha. O vaqueiro, chamado, ficou a pensar. Conto ou não conto? E resolveu: mentiria... Chegou mesmo a arranjar uma porção de explicações falsas, pois ia lá ter coragem de enfrentar o patrão e lhe contar que matara o Boi Leição??? Mas, quem não mente, não mente nunca e o vaqueiro acabou dizendo: "dê no que der, contarei tudo ao patrão." Dito e feito. Os que sabiam da aposta correram para ver o vaqueiro mentir. E tão surpresos ficaram ao ouvir a verdade, que lhe deram vivas e o carregaram em triunfo. O fazendeiro só aceitou a metade da aposta, assim mesmo para dá-la ao seu fiel empregado, que ficou rico e se casou com a moça, dando sete dias de festa.

É este um conto perfeito para a escola, cheio de episódios interessantes para despertar a imaginação do aluno, mas sem excitação desnecessária, ambiente rural brasileiro, figuras muito conhecidas e uma forma de persuasão altamente educacional. Com habilidade, há uma série de lições nesta estória, conforme, naturalmente, a idade mental dos alunos.

Outras vezes é a lealdade e a honestidade que recebem o prêmio, mesmo quando importa em sacrifício, como no caso de *A Bela e a Fera*.

O conto serve para mais ainda, além de despertar a fantasia, de ser tema educativo, de ambientar o aluno em meios conhecidos, de revelar-lhe os que desconhece, permite ao professor avaliar, como num verdadeiro teste psicológico, o temperamento da criança, pelas suas reações ao ler ou ouvir contar uma estória. "A leitura de um romance como *A Princesa Magalona*, escreve Renato Almeida, mostrará que os alunos são emocionados preferencialmente pelo sofrimento ou pela bravura, quais os corajosos e os tímidos, o mérito que emprestam à tenacidade como instrumento de triunfo. E isso sem desprezar as tendências artísticas ou os temperamentos oportunistas e pragmáticos. Um desafio, por exemplo, com as suas perguntas e respostas prontas e incisivas, fundindo infrangivelmente realidade e fantasia, abre caminhos ao professor para desvendar muitos refulhos da alma do adolescente".

Vemos, assim, acrescida a importância didática do Folclore com o seu valor pedagógico, ao mesmo tempo que ensina o escolar, auxi-

lia a função do mestre. A seleção de contos é indispensável, ainda que, em grande maioria, as estórias e fábulas folclóricas sejam educacionais, mesmo porque o povo as utiliza muito nesse sentido, e nos conselhos de fogo dos primitivos, os anciãos contam estórias nas quais realçam os grandes feitos, as virtudes e os heroísmos.

Durante certo tempo, os contos foram considerados como nocivos, sob o pretexto de que as crianças não saberiam estabelecer distinção entre o maravilhoso de que eram presenteadas e a realidade. Mas, na opinião de Emma Buenaventura, os contos de fada cumprem com a primeira condição de uma obra literária, a de transportar-nos a um outro mundo. E com que clareza, simplicidade e economia de palavras o fazem. Não há descrições desnecessárias, nada é artificial ou forçado; os fatos são os essenciais à trama, e, o dramatismo, que não deve faltar à obra, é intenso. Na atualidade, os contos de fada desfrutam novamente de favor.

As fábulas, com seus tipos espertos vencendo pela astúcia (o sapo, o cágado, a raposa) e os brutos e violentos (a onça, o leão) que acabam sendo vencidos, como na seguinte estória que recolhi em Aparecida (SP):

"É a estória da araponga e da onça. Ora, a onça olhava a araponga e lambia os beiços, considerando-a um bom pitêu. Mas, sendo muito velhaca, não desejava atacá-la de frente, e, então, certo dia, propôs à araponga o seguinte: "Olhe, araponga, aquela de nós duas que conseguir amedrontar a outra, terá direito de comê-la. Tá feito?" — "Pois sim," concordou a araponga. Então foram as duas para a floresta e cada qual para a sua árvore. Primeiro, foi a vez da onça, que fez um barulho danado. Quando chegou a hora da araponga, ela apenas martelou baixinho, no compasso: "tau... tau... tau..." De novo a onça fez barulho, soltando roncões muito fortes. A araponga respondeu delicado: "tau... tau... tau..." E, então, a onça resolveu fazer o miado mais forte e mais feio do mundo, um miado de arrepiar os cabelos. E pensou: "agora a araponga deve estar morta de medo e daqui a pouco irei comê-la." E assim pensava, quando a araponga abriu o bico e fez um tau... tau... tau... tão alto e tão forte, que a onça levou um grande susto e saiu correndo de medo e até hoje não parou".

As objeções contra as fábulas são carentes de substância, desde que prevaleça o critério seletivo. Não é de agora que as estórias de animais são utilizadas no ensino, sempre o foram, mas na forma erudita de La Fontaine.

A *paremiologia*, com os provérbios, deve ser vista com muito cuidado, antes de tudo explicando ao aluno o sentido que têm, porque, na maioria das vezes, são repetidos maquinalmente, pela sedução da rima

e do ritmo, sem que a criança penetre na essência da sabedoria que encerram.

As redações com explicações de provérbios, bem como estórias sobre os mesmos, elaboradas pelos alunos, são muito usadas e é preciso haurir o mais possível dessa fonte abundante e rica, que incide diretamente na formação moral e na criatividade. As classes mais adiantadas também poderão fazer coleta de dísticos de caminhos para estudo, interpretação e classificação e ainda registros de contos para verificação de pronúncia, vocabulário, sintaxe, etc.

Os nossos *mitos*, pelo menos aqueles que podem ser contados e explicados, possuem o mais alto interesse, sendo que, no caso, havendo no interior, entre a gente do povo, crenças arraigadas no saci, no lobisomem, no boto, no caapora, na mula-sem-cabeça, no rei-da-mata, na mãe-do-ouro, que tanta gente diz que viu com seus próprios olhos, deve o mestre apagar esse temor, explicando-os como realidade imaginária. Dar essas explicações com a necessária sagacidade constitui uma tarefa estimulante para o professor que, por certo, vencerá o desafio que nisso se contém às suas aptidões.

As *lendas* cobrem todo o universo do conhecimento humano. Da vida dos santos ao diabo, da origem das coisas ao sobrenatural dos fatos, da ambientação dos feitos à projeção dos vultos da História. São narrativas simples e sintéticas que respondem às indagações do homem ante o que desconhece e o que admira, ligando-se, portanto, à dimensão total da cultura. É um dos mais sedutores auxiliares do ensino, presente, como está, em cada setor da sabedoria popular.

O processo formativo do mito e da lenda implica, inicialmente, numa idéia que ultrapassa e se sobrepõe à realidade; não é mais o objeto em si, forças poderosas e incontroláveis de conteúdo psicológico, social, filosófico, histórico ou religioso atuam e transfiguram o ponto de partida, dotando-o de uma energia própria, que lenta e seguramente se vai impondo à aceitação popular.

As *adivinhas* são consideradas testes de inteligência, e, de fato, algumas existem admiráveis, porque forçam o raciocínio, condicionando o seu uso à faixa etária. Por exemplo, quando se pergunta: "que é que todo dia vai ao céu?" obriga-se o aluno a verificar o sentido múltiplo que têm as palavras. Reside no duplo significado de céu, o da pergunta é o céu da boca, e logo vem a resposta: "a língua." O mesmo acontece com esta outra: "quando é que a mulher vira peixe?" simples a resposta, também com base no duplo sentido da palavra "vira": "quando o está fritando." A adivinha é um elemento de primeira ordem para disciplinar a atenção e se situa tanto no primeiro como no segundo graus. Na quantidade imensa de enigmas populares, é preciso selecionar aqueles que podem ser facilmente decifrados,

contribuindo para desenvolver faculdades intelectuais do aluno, atenção e raciocínio. Uma coleta de adivinhas, em ambos os graus, é um exercício divertido e instrutivo.

Como exercício mental, as adivinhas parecem de utilidade infinita na escola. Trata-se de um capítulo da sabedoria popular que é de todos os povos, e qualquer uma delas se encontra com mais ou menos variantes em toda parte. Dentre as pesquisas de adivinhas, cito a de Rossini Tavares de Lima, realizada entre suas alunas, cujo material permite interpretações do maior interesse, a de Fausto Teixeira e a de José Maria de Melo, coletâneas com classificação e estudo comparativo.

A *literatura de cordel*, uma das mais belas expressões da poesia popular brasileira, deve ser conhecida ao vivo na região dos cantadores e através dos folhetos, nas demais. Seus temas repousam no romance tradicional, fatos políticos, estórias sensacionais, ganção, desafios, seca, lendas, ciclo de Fernando Magno, acontecimentos atuais, etc. O vocabulário é rico e fértil e as formas estróficas oferecem largo campo para o estudo da arte dos versos e das rimas. As capas dos folhetos apresentam excelentes mostras de xilogravura. Não existe erro ou contradição no fato de ser a literatura de cordel inserida em literatura oral, pois, Cavalcanti Prouça assim se expressa na Introdução da *Literatura Popular em Verso* (Antologia — Tomo I): "Em primeira classificação o material, aqui estudado, pertence à literatura oral em verso, isto é, aquela que é feita expressamente para ser recitada e que impressa, no caso, por motivos econômicos não perde a característica oral." Essa obra contém 42 textos de folhetos.

Com as *parlendas* entramos no amplo capítulo da recreação. Têm, como os jogos e brinquedos, valores para facilitar o aprendizado dos nomes dos meses, dias, números etc. Carlos Vega e Câmara Cascudo deram-lhe a denominação de *mnemonia*. Os seus tipos são muito conhecidos: *Ana panga, sete panga; Amanhã é domingo, pé de cachimbo; Cadê o toucinho daqui? João Balalá, senhor capitão* e tantas e tantas outras, lembranças indeléveis do tempo de criança. São usadas como entretenimento ou como *fórmulas de escolha* para os papéis principais em jogos e brinquedos.

## O FOLCLORE E A RECREAÇÃO

No tocante à recreação — jogos e brinquedos — surge uma série de ponderações e indagações. Qual a importância do jogo para a criança? Considerado como uma ocorrência em todas as sociedades conhecidas, portanto inerente à natureza humana, acredita-se tenha a lúdica um caráter instintivo e, para a compreensão de sua funcionalidade, formularam-se várias teorias, assim agrupadas por Krainsel-

burk; psicológicas (referentes ao descanso e ao destino da energia supérflua), biológicas (exercício preparatório e catarse — eliminação de atividades instintivas, cuja retenção seria nociva), psicológica (sublimação dos impulsos reprimidos) e psicossocial (levada em conta a influência do grupo e do meio humano para a formação da personalidade, interpretado o jogo com uma fase de ensaio no processo de socialização). Ainda que múltiplas, não inserem a dimensão própria do jogo e nem explicam como é sustida a sua própria dimensão lúdica, já que as características específicas da atividade estão sujeitas a elementos estruturais do jogo em si mesmo.

Sobre a origem dos jogos e brinquedos, sob o ponto de vista histórico-cultural, as teorias se classificam em: as que os consideram degeneração de antigas formas importantes (Hirn, Groos); as que os têm como expressão emocional primária, relacionada com as formas religiosas que, em sua dessacralização se reduziram a expressões seculares (Frobennius, Jense); as que os tomam como atividade lúdica, a partir da qual se desenvolveram as outras dimensões da cultura (Huizinga).

Em várias regiões do País, o número de salas de aula deixou de corresponder às exigências de escolaridade aos menores, problema que só pôde em parte ser resolvido, mediante a redução do tempo de permanência diária na escola, suprimido o período destinado ao "recreio". Nessa oportunidade, o aluno tomava a merenda e se entregava, entusiástica e livremente, aos jogos e brinquedos. Ao mesmo tempo, dadas as condições habitacionais de médias e grandes cidades, onde à falta dos antigos quintais se junta a escassez de áreas verdes para o lazer, a recreação tradicional, se não desapareceu de todo, teve sua intensidade sensivelmente reduzida. Atividades individuais ou em grupo, como jogar peteca, soltar pião e papagaio, pular corda, caracol, amarelinha, etc., consideradas indispensáveis à infância, ressaltado mesmo o seu valor como terapia de criança-problema, se tornaram desconhecidas ou impraticáveis. Mas é indispensável retorne à escola esse período de entretenimento imprescindível à formação integral da criança. Na oportunidade, o mestre selecionará entre o que é conhecido no meio e juntará o que deseja transmitir, em geral para alunos até 8 ou 9 anos. Os brinquedos podem ser de roda, via de regra cantados (*Ciranda, cirandinha, Carneirinho, carneirão, Anda a roda* e outros), de fileira, de correr, de pular, de roda sentada (*Passar o anel*) ou jogos, como o *O Gato e o rato, Berlinda, Cabra-cega*, etc. Para maiores, até 13 anos: *Sardinha, Policiais e ladrões, Bola e arco, Estafeta, Limonada*, etc.

Na recreação a criança revela qualidades de liderança, habilidade, agudez, espírito, timidez e formas extra e introvertidas de ser. Dir-

se-á não terem os jogos esse exclusivo privilégio, mas estando o aluno fora da disciplina de classe e muitas vezes orientando e comandando, permitem maior espontaneidade nas manifestações e se tornam reveladores do caráter de cada um.

## O FOLCLORE E OS ESTUDOS SOCIAIS

O Folclore é uma disciplina com inúmeras ligações históricas, tanto que, por muito tempo, se pretendeu fosse uma ciência histórica.

Joaquim Ribeiro considera a História e o Folclore os dois pólos da humanidade. "Aquele é o passado escrito. Este outro é o que não foi escrito, mas se perpetuou na tradição. O folclore foi incorporado aos estudos históricos como fonte indispensável para a análise total da cultura. Assim surgiu a história cultural, que só pode ser reconstituída graças, em grande parte, à contribuição dos fatos folclóricos na caracterização das áreas de cultura, quer no tempo, quer no espaço." Na realidade, através de refrãos, cantos, lendas, autos populares, noções de História podem ser indicadas. Ainda na literatura de cordel e nas modas de viola, pois muitas composições são relatos de acontecimentos antigos ou contemporâneos.

A lenda histórica se inicia quando o povo, consciente ou inconscientemente altera, diversifica e immortaliza aquele cuja vida e virtudes, lutas e coragem, denodo e valentia, sacrifício e glória é considerado exemplo, é tido como herói. Figuras históricas se folclorizam, permanecendo na linha da tradição popular.

As classes de 2.º grau serão referidas as lendas universais do Rei Artur, Cid, Guerra de Tróia, Carlos Magno, etc. Do ciclo carolíngio surgiu a *Chanson de Roland* (séc. XI), dramatizada em nossos folguedos folclóricos (congadas, moçambiques, cavalhadas) e seus personagens principais (Carlos Magno, Rolando, Floripes), ainda estão vivos nas emocionantes esculturas da gente do povo.

Acontecimentos como a República, Canudos, Guerra do Paraguai, Abolição, Revoluções estão num sem-número de documentos folclóricos, servindo para explanações históricas, com um pitoresco que as tornam agradáveis e acessíveis. Os *Caboclinhos* de Pernambuco revivem em suas falas, toda a história do Brasil colonial, desde seu início:

"Tenente, em 1500  
o Brasil foi descoberto  
pelo almirante português  
Pedro Alvares Cabral.

*E a 22 de abril  
quando avistou-se o barco,  
antes de fincar-se o marco,  
caboclo pegava em arco  
branco pegava em fuzil..."*

Pedro Calmon, em seu livro *História do Brasil na Poesia do Povo*, nos dá uma série de documentos, nem todos folclóricos embora, em que nos mostra as reações do povo diante de fatos históricos, observando que, "se a poesia popular é mais fértil e vivaz na rixa política, sabe, entretanto, lisonjear, singela e varonil, as glórias autênticas."

E o folclore dos bandeirantes, que Joaquim Ribeiro estudou, com erudição e minúcia, não nos dá um mundo de tradições, muitas ainda vivas na memória do povo? As lendas da Serra dos Martírios, em Mato Grosso, que teve esse nome porque o bandeirante Antônio Pires de Campos viu no seu alto um foco de luz, "nas horas em que mais ardia o sol. Lá chegando, com seu filho menor, ficaram atônitos e deslumbrados, o ouro fulgia em abundância e se puseram de joelhos, louvando a Deus, mesmo porque o metal estava disposto de tal modo que se viam claramente a coroa de espinhos, a lança e os cravos do martírio de nosso Senhor".

As lendas locais sobre a fundação e denominação da cidade, grutas, rios, serras, povoadores devem ser colhidas, registradas e divulgadas, com suas variantes, ligadas que são a acontecimentos históricos.

No campo de *Geografia*, induzindo mesmo a parte humana, que a torna mais sedutora, o Folclore é um fator didático de exploração muito valiosa. Os tipos brasileiros, o vaqueiro, o gaúcho, a baiana, o tropeiro, o caipira, cada qual com o folclore característico da área onde existe; os traços das culturas descrevendo a geografia local, o sertão, a zona praieira, o Nordeste, a Amazônia, com suas estórias e fantasias, as praias nordestinas com seus verdes mares sulcados de jangadas, a zona do pastoreio com as cantigas e romances de animais famosos, como o *Rabicho da Geralda* (o mais antigo registro de romance no Brasil — 1792) ou então o Boi Espaço, que tantas estrofas fez, que o fazendeiro ofereceu grandes recompensas pela sua morte:

*"Se você matar o Espaço  
e voltar com os seus pés  
dou-lhe ouro, dou-lhe prata  
dou-lhe dois contos de réis."*

E depois de morto o Boi Espaço, o prêmio foi ainda maior:

*"Escolha destas três filhas  
a que mais o agrada  
que eu dou-lhe dez engenhos  
dez fazendas de criar."*

Com a dolência dos aboios explica-se como se leva o gado; a vestimenta de couro implica na descrição das caatingas, em suma, nesse capítulo, para se ensinar o Brasil, o Folclore dá ao professor um sem-número de elementos. Também as gestas do canção, em que o mestre deve apresentar o aspecto heróico e a resistência do sertanejo, e as rezas e procissões, penitências e cantigas para chamar chuva, permitindo explicar a seca nordestina.

#### O FOLCLORE E A MATEMÁTICA

O Folclore, como instrumento para o ensino da Matemática, foi recomendado num Congresso de professores dessa disciplina, reunido no Rio de Janeiro, em 1959, o que dá ênfase particular à sua importância e valor.

Para o ensino do cálculo, dos números e de operações fundamentais, há uma quantidade de adivinhas, parlendas, jogos infantis, estórias e outras formas. Assim o tango-lo-mango:

*Eram nove irmãs numa casa  
uma foi fazer biscoito  
deu o tango-lo-mango nela  
não ficaram senão oito.*

*Dessas oito, meu bem, que ficaram,  
uma foi amolar canivete  
deu o tango-lo-mango nela  
não ficaram senão sete.*

Até restar uma só:

*Esta última, meu bem, que ficou  
meteu-se a comer feijão  
deu o tango-lo-mango nela  
acabou-se a geração.*

Ou esta forma mnemônica para os pequeninos:

*Um, dois, feijão com arroz,  
três, quatro, feijão no prato,  
cinco, seis, chegou minha vez,  
sete, oito, quero biscoito,  
nove, dez, quero pastéis.*

Um conto simples, como a *Cinderela*, nos oferece várias sugestões:

- a) Cinderela e o príncipe — idéia de par (números pares e ímpares)
- b) hora do retorno do baile — conhecimento das horas, minutos e segundos
- c) os seis ratinhos da carruagem — idéia de meia-dúzia e de dúzia
- d) os dez cavaleiros que a escoltavam — idéia de dezena e de centena
- e) custo do vestido da Cinderela, baseado no preço unitário de metro — idéia de metro, decímetro, etc.

*A Bela Adormecida*, que só acordou 100 anos depois, idéia de século; *A Bota de 7 Léguas*, idéia de légua, quilômetro, etc.

Figura ainda o 3 em muito título de estórias: *Os 3 Príncipes Coroados*, *Os 3 Fios de Cabelo do Diabo*, *As 3 Irmãs*, etc.

Da obra atraente e variada de Júlio César de Melo e Sousa (Malba Tahan), uma grande parte, com fundamentos folclóricos, pode ser usada no 2.º grau, despertando a curiosidade pelo raciocínio que conduz à decifração de problemas e estórias.

Dentre as lendas sobre números e cálculo, uma das mais interessantes para o 2.º grau, é a que se refere ao hindu Sissa, inventor do xadrez, que solicitou ao seu senhor, como prêmio ao seu engenho, o que resultasse da duplicação de grãos de trigo correspondente aos 64 quadrados do tabuleiro, partindo de um. Com essa progressão, chegou a uma cifra que nenhuma colheita poderia satisfazer.

### O FOLCLORE E AS CIÊNCIAS NATURAIS

O meio ambiente, desde os tempos mais remotos, constitui uma preocupação para o homem, que procurou desvendar-lhe os mistérios. A cosmogonia, os fenômenos meteorológicos, o mundo celestial, a água e o fogo, a terra e o ar, o dia e a noite, as plantas, os minerais, os animais estão presentes na cultura de todos os povos, através da mito-

logia, contos, lendas, provérbios, adivinhas, crendices e superstições, trovas e tabus. As concepções primitivas e ingênuas, resultantes da observação e da fantasia, apontam suas origens e lhes imprimem qualidades e poderes benéficos e maléficos. Se o fogo, na mitologia grega, Prometeu o roubou do carro do sol, lendas brasileiras dizem que o japu o tirou de detrás da orelha do jacaré (e por isso tem o bico vermelho) ou que o sapo o produz; a erva-mate foi dádiva de Sumé, as fases da lua interferem em tudo que foi criado, os metais têm simbolismo próprio e as pedras possuem sortilégio.

O homem da zona rural é aquele que mais olha para o céu, que mais consulta as nuvens e os ventos, que melhor compreende o relacionamento entre os fenômenos atmosféricos e os animais. Já Hesíodo, poeta e moralista grego, escrevia oito séculos antes de Cristo: "as aves adivinham e ensinam aos que mourejam no campo". Pequenas estórias e provérbios fixam esses conhecimentos que podem servir à observação da previsão do tempo.

O professor escolherá o material para o 1.º grau, podendo usá-lo, em toda a sua amplitude, no 2.º grau. No setor do reino vegetal, caberá referência às plantas medicinais — principalmente às da região — cujas propriedades terapêuticas, comprovadas em laboratórios, servem de base à produção de remédios. O seu uso foi recomendado na 1.ª Semana de Estudos sobre a Medicina Popular, realizada em Belo Horizonte (novembro de 71), "porque são úteis e até indispensáveis em certas localidades do interior, onde médico é artigo de luxo."

### O FOLCLORE E A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

No plano do desenho, das artes manuais e prendas domésticas, a importância do folclore não necessita ser posta em relevo, tal a sua evidência. Mas, na escola rural, o interesse ultrapassa o ensino em si, para ser acentuadamente social, ou, se quiserem, para dar destino à grande parte do ensino. Porque, um dos problemas mais graves com que nos defrontamos e cujas implicações envolvem os planos de desenvolvimento do Brasil, é o êxodo dos campos e a hipertrofia das cidades.

Uma das soluções cabe à escola, a de fazer a ligação do homem à terra. Não lhe compete toda a tarefa, mas pode iniciá-la auspiciosamente, e, nesse sentido, o ensino das artes deve ser funcional. A escola precisa aproximar-se das indústrias rurais da região. Se estamos em zona de cerâmica utilitária ou lúdica, numa área de madeira ou de couro, verificado o caráter do meio, o professor orientará seus debates, suas artes manuais para aqueles centros de interesse, valori-

zando o que possuímos tradicionalmente. Se a escola está numa região de rendas ou de tecelagem, deve ser ensinado o que se refere ao assunto, nas normas locais, podem ser dados elementos que desenvolvam a fantasia e a criatividade, mas não pontos de renda completamente diversos. Talvez mais bonitos, porém há o temor de que subtenham a arte tradicional folclórica. Daí a necessidade de informação precisa das características ecológicas da região para que, no seu enquadramento, o ensino seja orientado nesse particular, onde o folclore passa a ter um valor social irrecusável.

Para a formação dos artesanatos, as artes caseiras e folclóricas são importantes e significativas, porque constituem, em todos os países, invejável fonte de renda. Em vez de deixarmos que seja monopolizada a atividade de lembranças folclóricas, industrializando-as em série, será melhor criarmos os artesãos, que sempre as farão amorosamente. Por que não especializarmos nossa gente nessa atividade altamente lucrativa, como acontece na Europa, em que o pitoresco dessas coisas está sempre ligado à autenticidade? Muito se poderia dizer sobre a exigência de proteção a essas artes, mas o assunto foge a estas considerações.

O Folclore é indispensável ao desenho e às artes manuais e caseiras e vemos com tristeza, nas cadeiras de Artes Plásticas de nossas escolas, professores perderem tempo fazendo objetos vulgares e in-característicos, quando podiam aproveitar elementos folclóricos, que tanto interessariam aos alunos. Carmélia de Andrade, num estudo sobre *O Folclore e o Ensino de Trabalhos Manuais*, mostra como nessa disciplina "a utilização do Folclore pode contribuir fortemente para melhorar o artesanato e o julgamento das artes populares", utilizando técnicas artesanais folclóricas em madeira, metal, matéria plástica, etc.

Muitos artistas do povo encaminham a sua sensibilidade para o seto de figuras (homens e animais), criando-as em barro ou madeira, sempre em decorrência dos aportes culturais da região. Santeiros ou figureiros, ou ainda imaginários unem a arte à sua feição religiosa ou aos frutos de sua criatividade. Há também os que esculpem carrancas (figuras de proa dos barcos do São Francisco), dando-lhes um cunho sobrenatural, e *ex-votos*, para cumprimento de promessas.

Para melhor conhecimento das artes e artesanatos da comunidade, e mesmo para o seu levantamento, a escola deverá promover visitas que possibilitem contato com o artesão e o artista, observação de sua técnica, do meio em que vive e o reflexo de sua atividade nos setores sócio-econômico-cultural. Deve, ainda, se interessar junto às

autoridades municipais para a organização de uma exposição-leira (periódica ou permanente), que não será simples mostra da tradição artística da gente do povo, mas plena confirmação e revelação do seu mérito no desenvolvimento do homem brasileiro. Através das expressões de arte será alcançada a integração racial e social, fornecendo a homogeneidade nacional e acalentando o sentimento de brasilidade. Lendas e mitos, usos e costumes se constituirão em temas para a livre manifestação do mundo interior do aluno, revelando os seus pendores para o impressionismo, realismo, classicismo ou o gênio primitivo. A arte, para atingir a universalidade, deve ter suas raízes na terra em que nasceu. O conhecimento e o amor por essas raízes, se não nascem no lar, precisam nascer na escola.

E a música? será talvez onde estamos melhor, mas muito ainda há por fazer. O ritmo é um elemento nacionalizante por excelência e visto possuímos grandes núcleos de estrangeiros, devemos dar ênfase ao canto, mas ao canto folclórico, de um lado para ensinar as nossas melodias e ritmos, de outro, para erradicar, paulatinamente, os ritmos nativos desses alunos, que transportarão aos seus lares a nossa rítmica, um dos fatores para a sua integração na terra nova, que será sua pátria. Insisto que se cante e se dance nas escolas coisas nitidamente locais, particularmente nos centros de estrangeiros. É preciso proporcionar-lhes, com constância, os ritmos e as melodias dos nossos recortados, dos nossos moçambiques, de nossas cirandas e batuques, de nossos cururus e mambas, de nossas modas de viola, numa atividade tanto ligada aos poderes federais como estaduais e municipais.

Uma investigação sociológica feita por Florestan Fernandes, em bairros de São Paulo, demonstrou que as crianças se agrupavam unidas pelo folclore, e, ainda que em sua maioria fossem brasileiras, também em maioria os pais eram estrangeiros. Mais do que o dirigismo político, mais do que as providências coercitivas, estaremos tornando-os, pelos seus filhos, bons, excelentes brasileiros, com a nossa melodia, com o nosso ritmo, com as nossas danças, com as festas do Divino, de Santa Cruz, de São Benedito, de São João etc. No Paraná, sei de poloneses que se pintaram de preto para tomar parte em Congadas; em São Paulo, niseis integram representações dos Pastoris de Alagoas; filhos de italianos se incorporam às fileiras de Moçambique no Vale do Paraíba (SP). Essa é a boa política e a escola está chamada a desempenhar um grande papel nesse nacionalismo belo e fecundo, que nada tem de agressivo nem de violento. É a incorporação musical do estrangeiro que vem viver nesta terra generosa e que deve não apenas se preparar para servi-la, mas também para amá-la.

O folclore é uma força de interação, suave e sugestiva, pitoresca e divertida, a ser utilizada na escola. Acredito, autorizada pelo meu duplo amor ao ensino e ao folclore, que as autoridades de educação deveriam reunir especialistas nas duas atividades para formulação de instruções metodológicas.

A música pode ser utilizada nas rodas infantis, nos brinquedos cantados, nas danças de conjunto (algumas das quais são de tanto efeito para as festas escolares, como o *Pau-de-Fita*, a *Ciranda*, não só de roda mas dançada) e nos corais. Alexina de Magalhães Pinto nos mostra que, gostando as crianças de imitar a natureza, a cantiga da Corda da Viola oferece ensino para uma série de perguntas sugestivas e indutivas, relativas às vozes de animais, insistindo no alcance educativo dos brinquedos imitativos. A ilustre folclorista mineira não só se preocupou em utilizar o folclore no fortalecimento da unidade nacional, mas também com o comportamento de folcloristas e educadores ante o assunto.

Já há 30 anos escrevia Villa-Lobos: "Hoje não é mais possível fazer abstração do material fornecido pelo folclore musical para as questões educacionais da infância. Pois é perfeitamente intuitivo que a consciência musical da criança não deve ser formada tão-somente pelo estudo dos mestres clássicos estrangeiros mas, simultaneamente, pelo compreensão racional e quase intuitiva das melodias e dos ritmos fornecidos pelo próprio folclore nacional, o que facilmente se compreende, pela analogia que existe entre a mentalidade ingênua, espontânea e primária do povo e a mentalidade infantil, igualmente ingênua e primitiva. (...) O folclore é hoje considerado como uma disciplina fundamental para a educação da infância e para a cultura de um povo. Porque nenhuma outra arte exerce sobre as camadas populares uma influência tão poderosa quanto a música, como também, nenhuma outra arte extrai do povo maior soma de elementos de que necessita como matéria-prima. Acresce a circunstância de que algumas das nossas canções folclóricas apresentam o aspecto de uma beleza tão pura e característicos de brasilidade tão acentuados que nos fazem admirar, sem restrição, o talento simples que as criou."

A organização de corais de primeiro e segundo graus incluirá melodias autênticas do povo, das quais já existe um grande e variado documentário escrito e gravado.

A iniciação musical, setor a que Lidy Mignone deu diretrizes tão seguras com suas bandinhas rítmicas, servirá, com o aproveitamento do folclore, para que as crianças se habituem, desde cedo, com as formas musicais e as danças do nosso povo. Parte, assim, a cultura musical infantil, daquilo que lhe é familiar (cirandas, cantigas de roda e de ninar), de modo que o folclore será seu "lastro-ouro".

## O FOLCLORE E A EDUCAÇÃO FÍSICA

O Folclore pode e deve auxiliar o ensino da Educação Física, definida esta não apenas como o aperfeiçoamento das qualidades exteriores e materiais do homem, mas do ser humano integral, porque, atendendo especialmente a educação do físico, atende a geral, que por seu intermédio se completa e se realiza. O binômio sistema nervoso/sistema muscular age como um todo, dependendo o primeiro da atividade muscular, que representa a ação, dependendo o segundo da atividade nervosa, sintetizadora do comando. O exercício físico favorece a conjugação e a pronta execução de ambos, merecendo a dança um destaque especial por atingir outros pólos dinamizados por valores sociais e morais. Disciplina e solidariedade, imaginação e memória, raciocínio, destreza e atenção se ligam a expressões culturais, que lhe identificam as origens. A inclusão de danças folclóricas nas aulas de educação física vai ao encontro de várias exigências da educação, notadamente a que se refere ao sentimento de nacionalidade, integrando o centro de interesse em torno do folclore.

Várias professoras vêm desenvolvendo, nesse sentido, profícua atividade, inclusive publicando livros que continuam a obra magnífica de Alexina de Magalhães Pinto, como Ceição de Barros Barreto, Zaide Maciel de Castro, Maria Amália Corrêa Giffoni, Henriqueta Fernandes Braga, etc.

## DRAMATIZAÇÃO

Outro aspecto, no qual o folclore aumenta o interesse educacional, é na dramatização de estórias, fábulas, lendas, de sorte que, personalizados os tipos, a persuasão se torna mais intuitiva. Resta ainda a encenação de folguedos populares, *A Nau Catarineta*, *Bailes Pastoris*, *Bumba-meu-boi*, *Maculelê*, *Congadas*, *Marujadas*, *Moçambiques*, *Pastorinhas*, *Guerreiros*, entre outros, que podem ser ensaiados e representados por alunos de ambos os graus, num teatro vivo e sedutor. Nesta oportunidade, o estudo do tema no segundo grau encaminhará o aluno não só à pesquisa e conhecimento através de bibliografia especializada como às obras de escritores regionais que lhe dão o ambiente, proporcionando o ensejo para a interpretação do fato no contexto da cultura brasileira, cabendo-lhe o preparo da indumentária, os ensaios musicais e coreográficos, numa reprodução fiel do modelo.

A dramatização pode ainda se efetivar através do *Teatro de Bonecos*, em ambos os graus, numa realização ao mesmo tempo segura, rica e suave, com aproveitamento em vários setores do ensino e da educação.

## FESTAS CICLICAS

Além das vantagens da aprendizagem, de ligação do homem à terra pela aproximação do aluno com as tradições regionais, com as formas de ser de sua gente, com o verdadeiro espírito nacional que vivifica as formas folclóricas, o Folclore projeta ainda uma luz na mentalidade jovem, despertando vocações artísticas para a poesia, música e artes plásticas. Embora universal em essência e mesmo em muitas de suas manifestações, o folclore é local, é mesmo o que existe de mais regional. Deve ser uma revelação do que já envolve o aluno, através das forças tradicionais do meio. Esse critério permitirá uma programação de classe relacionada com os ciclos festivos religiosos e profanos.

Solicitada a presença do estudante a essas comemorações, devidamente informado sobre o evento, a ocasião é propícia à distribuição por turmas que se encarregarão dos diversos enfoques (finalidade da dança, indumentária, texto literário, texto musical, coreografia, instrumentos musicais, anotações sobre os integrantes do grupo etc.), do artesanato e de outras expressões da cultura popular. Esta atividade, além de desenvolver a técnica de expressão e de comunicação, favorece o contato direto com os portadores de folclore.

## PROJEÇÃO DO FOLCLORE

A força da inspiração folclórica, nas letras e nas artes, é um fato largamente verificado, de tal forma os artistas buscam a água pura das fontes populares. Entre nós, bastaria falar em Mário de Andrade, Villa-Lobos, Portinari, Raul Bopp, Di Cavalcanti, Oswald de Andrade (pai e filho), Jorge Amado, Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Cassiano Ricardo, Lorenzo Fernandez, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Teresa D'Amico, Tarsila do Amaral, Cássio M'Boy, Djanira, Zora Seljan, Ariano Suassuna, Solano Trindade, Barbosa Lessa, em quantos e quantos mais transpuseram para a poesia, para o romance, para a música, para a pintura, para a escultura, para o teatro, balé e cinema, valores, motivos e constâncias folclóricas na realização de suas criações.

E em quantos alunos, o que lhes ensinarmos com o folclore, seja através da observação direta e participante em sua própria região, seja através de multimeios (filmes, slides, audiovisuais, coros, discoteca folclórica, etc.) será uma sementeira que amanhã reventará em magníficas floradas? Como observou Crocioni, nada melhor que o folclore para traduzir as atitudes, as tendências e as origens do povo, a sua multiplicidade de vida e de ação, a sua faculdade inventiva e o seu impulso para o desenvolvimento da civilização em marcha.

## UMA LIÇÃO ANTIGA

Roger Bastide julga que o folclore na escola passará a ser dirigido, o que lhe parece uma insuportável deformação da sua natural espontaneidade. Não se trata de obrigar a professora a imitar os portadores de folclore, mas, de "aproveitar o folclore como instrumento da didática — e vimos também em pedagogia — na leitura, no canto, na educação física, nas artes, nos estudos sociais". Porque, repito, não vamos inculcar o folclore, vamos utilizar folclore, com autenticidade nas formas, repúdio à adulteração e estilização e dentro de um sentido educacional.

No Brasil, essa lição é antiga e os jesuítas a aplicaram com extrema sabedoria na catequese, quando se valiam dos cantos, das danças, das estórias para edificação, e dessa lição resultaram até formas folclóricas como o *cururu*, o *sarabaquê*, etc. Os autos jesuítos aproveitaram as expressões *folk* para a evangelização dos índios. Os santos, os anjos e os demônios que neles apareciam convenciam de modo muito mais direto os curumins do que quaisquer outras lições ou explicações. Os diabos apresentavam os vícios e as práticas abomináveis, incitavam a beber, a enfurecer-se, a comer carne humana, enquanto os anjos e santos entoavam loas de amor a Jesus e recomendavam o bom procedimento para a conquista da glória eterna. Esse exemplo não podemos perder de vista, dado como foi por Anchieta, nos campos de Piratininga.

Além de todos os benefícios que se obtêm com o aproveitamento da cultura popular na escola, os professores podem ser preciosos colaboradores dos folcloristas, ajudando-os em suas coletas e pesquisas, dispondo das crianças e dos jovens como veios magníficos para descobertas imprevistas. Como disse Lourenço Filho, se o Folclore serve e deve servir ainda à educação, os educadores, onde quer que estejam, poderão servir à ampliação dos estudos de Folclore.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Renato — *A inteligência do folclore*. Rio de Janeiro, Ed. Americana, 1974.  
 — *História da música brasileira*. 2a. ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1942.
- ALVARENGA, Oneyda — *Música popular brasileira*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1950.
- AMARAL, Amadeu — *Tradições populares*. São Paulo, Instituto Progresso Ed., 1948.
- ARAMBURU, Júlio — *El folclore de los niños*. Buenos Aires, Liv. Ed. El Ateneo, 1944.
- BARRETO, Conceição de Barros — *Auto de pastorinhas*. Rio de Janeiro, 1950.
- BASTIDE, Roger — O ensino e a pesquisa folclórica no Brasil. In Congresso Brasileiro de Folclore, 1.º. Rio de Janeiro, 22-31 ago. 1951. *Anais*. Rio de Janeiro, Serviço de Publicações do MRE, vol. III, 1952-1953.
- BATINI, Berta Elena Vidal de — La enseñanza del folclore en la escuela. *Anales de la Asociación Folklórica Argentina*, v. II. Buenos Aires, 1946.
- BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes — Cantigas e jogos infantis. *In Relação dos discos gravados no Estado de Minas Gerais*. (fevereiro de 1944). Rio de Janeiro, Escola Nacional de Música. 1956.
- CALMON, Pedro — *História do Brasil na poesia do povo*. Rio de Janeiro, Ed. A Noite [s.d.]
- CARVALHO NETO, Paulo de — *Folclore y Educación*. Quito, Ed. Casa de la Cultura Ecuatoriana, 1961.
- CASCUDO, Luis da Câmara — *Contos tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ-Edit., 1946.

- *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Ed., 1947.
- *Literatura oral*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Ed., 1952.
- CORTES, J. C. Paixão e LESSA, L. C. Barbosa — *Manual de danças gaúchas*. Porto Alegre, Comissão Estadual de Folclore do Rio Grande do Sul, 1956.
- DANTAS, Paulo — *Estórias e lendas do Norte e Nordeste*. São Paulo, Liv. Literart Ed. [1961]
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel — *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, INEP, 1960.
- ESPINHEIRA, Ariosto — *Arte popular e educação*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.
- FERNANDES, Florestan — *Folklore e grupos infantis* — In *Sociologia*, São Paulo, vol. IV, n.º 4, 1942.
- FIGUEIRA, Celina Henrique e outros — *Jogos dirigidos*. Rio de Janeiro, 1955.
- FIGUEIREDO FILHO, José de — *Folguedos infantis carienses*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1966.
- GARCIA, Angélica de Rezende — *Nossos avós contavam e cantavam*. Ensaios folclóricos e tradições brasileiras. 2a. ed. Belo Horizonte, Carneiro, 1957.
- GIFFONI, Maria Amália Corrêa — *Danças folclóricas brasileiras*. E suas aplicações educativas. 2a. ed. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1964.
- GÓIS, Maria Helena — *Bandinha rítmica*. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1959.
- GOMES, Lindolfo — *Contos populares brasileiros*. 2.ª ed. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1948.
- HUIZINGA, J. — *Homo Ludens*. México, F. C. E., 1943.
- KRAINSELBURK, David — *Psicologia de los juegos infantiles*. Buenos Aires, Ed. El Ateneo, 1941.
- LACERDA, Regina — *Estórias e lendas de Goiás e Mato Grosso*. São Paulo, Liv. Literart [s.d.]
- LAYTANO, Dante de — *Lendas do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Folclore, 1956.
- LIMA, Rossini Tavares de — *Folguedos populares do Brasil*. São Paulo, Ricordi, 1962.
- *Poesias e Adivinhas*. São Paulo, Departamento Estadual de Informações, Divisão de Turismo e Expansão Cultural, 1947.
- LOPES NETO, J. Simões — *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1950.
- LOURENÇO FILHO [Manuel Bergström] — O folclore na formação do magistério primário e secundário. In *Folclore*. Vitória. Órgão da Comissão Espírito-santense, 16(81): 3, jan.-dez. 1955.
- MARTINS, Saul — *Contribuição ao estudo científico do artesanato*. Belo Horizonte, 1973.
- MEDEIROS, Ethel Bauzer — *Jogos para recreação infantil*. 2a. ed. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1961.
- MELO, Anísio — *Estórias e lendas da Amazônia*. São Paulo, Liv. Literart, 1962.
- MELO, José Maria de — *Enigmas populares*. Rio de Janeiro, A Noite, 1950.
- MELO, Veríssimo de — *Parlendas*. Natal, Bibl. da Sociedade Brasileira de Folk-lore, 1949.
- MONTE, Wanda Klappe — *Rodas rurais da Bahia*. Rio de Janeiro, Ed. Graf. Laemmert [1957]
- MOYA, Ismael — *Didáctica del Folklore*. 2a. ed. Buenos Aires, Ed. Schapire, 1956.
- NEVES, Guilherme Santos e COSTA, João Ribas da — *Cantigas de roda*. Vitória, Revista Vida Capixaba, 1948.
- OBRY, Olga — *O teatro na escola*. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1956.
- OLIVEIRA, José Coutinho de — *Folclore amazônico*. Vol. 1: Lendas, Belém, Ed. São José, 1951.
- idem, vol. 2: *Sentenças populares e adivinhas*. Belém, Imprensa Universitária, 1965.
- ORICO, Osvaldo — *Contos e lendas do Brasil*. São Paulo, Cia. Melhoramentos [s.d.]
- PEREIRA, Carlos José da Costa — *Artesanato e arte popular*. Salvador, Liv. Progresso Ed., 1957.
- PIMENTEL, [Alberto] Figueiredo — *Contos da carochinha*. 25a. ed. Rio de Janeiro, Liv. Quaresma Ed., 1958.
- *Os meus brinquedos*. 4a. ed. Rio de Janeiro, Liv. Quaresma Ed., 1958.
- PINTO, Alexina de Magalhães — *Contribuição do folk-lore brasileiro para a biblioteca infantil*. Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1907.
- PINTO, Consuelo Carvalho de Freitas — *Recreação infantil*. São Paulo, 1959.

- PROENÇA, Manuel Cavalcanti — Introdução. *In A literatura popular em verso* — Antologia. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1964.
- RAMOS, Arthur e RAMOS, Luíza — *A renda de bitros e sua aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1948.
- RIBEIRO, Joaquim — Folclore e História. *In Revista Brasileira de Folclore* (8-10), Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, 1964.  
— *Folclore dos bandeirantes*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Ed., 1946.
- ROMERO, Sílvio — *Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Ed., 1954.
- SAINZ, Luiz Hoyos y SANCHO, Nieves de Hoyos — *Manual de Folklore*, Madrid, Manuales de la Revista de Occidente, 1947.
- SANTOS, Eurico — *Histórias, lendas e folclore de nossos bichos*. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1957.
- SOUZA, pe. José Geraldo de — *Brindes cantados no folclore brasileiro*. São Paulo, Irmãos Vitale, 1967.  
— *Cancioneiro folclórico do Brasil*. São Paulo, Ricordi, 1957.
- TEIXEIRA, Fausto — *O livro das adivinhas brasileiras*. Rio de Janeiro, Ed. Letras e Artes, 1964.
- TORNER, Eduardo M. — *El folclore en la escuela*. Buenos Aires, Ed. Losada, 1946.
- UNESCO — *A Unesco e a cooperação internacional no terreno do folclore*. Relatório apresentado ao Congresso Internacional de Folclore de São Paulo, 1954.
- VILLA-LOBOS, Heitor — Educação Musical — *In Boletim Latino-Americano de Música*. Instituto Interamericano de Musicologia — Montevidéu. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. Ano VI, tomo VI, 1946.

## CADERNOS DE FOLCLORE

(Nova série)

1. Edison Carneiro — *Capoeira*, 1975, 23 p.
2. M. Diégues Júnior — *Literatura de cordel*, 1975, 38 p.
3. Renato Almeida — *Folclore*, 1976, 21 p.
4. Beatriz G. Dantas — *Taieira*, 1976, 30 p.
5. Maria de Lourdes Borges Ribeiro — *O folclore na escola*, 1976, 30 p.

COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DA  
GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA, LTDA.  
RUA DA REGENERAÇÃO, 475 - BONSUCESO  
RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL  
EM JUNHO DE 1976

Capa:  
Pau-de-fita — Alunos dos Institutos Santos Dumont e Stella Maris — Rio de Janeiro.

PROGRAMAÇÃO GRÁFICA DE EVOLUARTE GERADORA PROMOCIONAL — 1976

---